

EFEITOS DA INTERVENÇÃO MEDIADA POR PARES COM VIDEOMODELAÇÃO NO NÚMERO DE RESPOSTAS DE UM ALUNO COM TEA

RENATA OLIVEIRA CRESPO¹; SÍGLIA PIMENTEL HÖHER CAMARGO²

¹Universidade Federal de Pelotas – reecrespo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sigliahoher@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é um espaço propício para o desenvolvimento das habilidades sociais das crianças, especialmente na educação infantil, no entanto, crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem não desenvolver estas habilidades de maneira natural (BRASILEIRO; PEREIRA, 2018) e, por isso, é necessário desenvolver estratégias para que estas crianças aprendam estas habilidades. Dentre as possíveis estratégias a serem adotadas, destacam-se a Intervenção Mediada por Pares (IMP) e a Videomodelação como Práticas Baseadas em Evidências (PBE).

A IMP caracteriza-se como uma estratégia na qual os pares são treinados para oferecerem suporte e oportunidades para que a criança-alvo pratique a habilidade que está sendo desenvolvida (ODOM, 2019). Esta abordagem, além de apresentar bons resultados no desenvolvimento de habilidades sociais em crianças com TEA (CRESPO, 2020; BAMBARA et al., 2021), também tem demonstrado impactos positivos nos pares (ODOM, 2019), o que vai ao encontro do conceito de educação inclusiva, a qual deve ser para todos.

Uma explicação para resultados promissores da Videomodelação em crianças com TEA é o fato de que pessoas com este transtorno tendem a responder melhor à estímulos visuais (GONZÁLEZ, 2019). Além disso, a utilização de vídeos é uma ferramenta acessível e permite que o aprendiz veja a execução da habilidade tantas vezes quantas forem necessárias (LOBATO; NOGUEIRA; SANTOS, 2018).

Ainda que a IMP e a Videomodelação sejam PBEs com resultados consistentes, ainda há pouca produção sobre o efeito de ambas as intervenções no ambiente da educação infantil brasileira (BASTOS et al., 2018; CARVALHO et al., 2016), por isso, esta pesquisa¹ teve como objetivo analisar os efeitos de uma IMP combinada com Videomodelação nas respostas de comunicação/interação social de uma criança com TEA que frequenta a pré-escola da rede regular de ensino da cidade de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo de caso único através de três fases: fase A (*baseline*), fase B (intervenção) e fase C (manutenção). Uma criança com diagnóstico de TEA e déficit nas interações sociais, dois pares com desenvolvimento típico e a professora da turma participaram do estudo. Na *baseline* foram analisados o número de atos comunicativos/interativos de respostas verbais e não verbais de uma criança com TEA em sessões de brincadeiras com brinquedos livres e peças de encaixe durante o período de aulas sem nenhum tipo de intervenção. Na fase

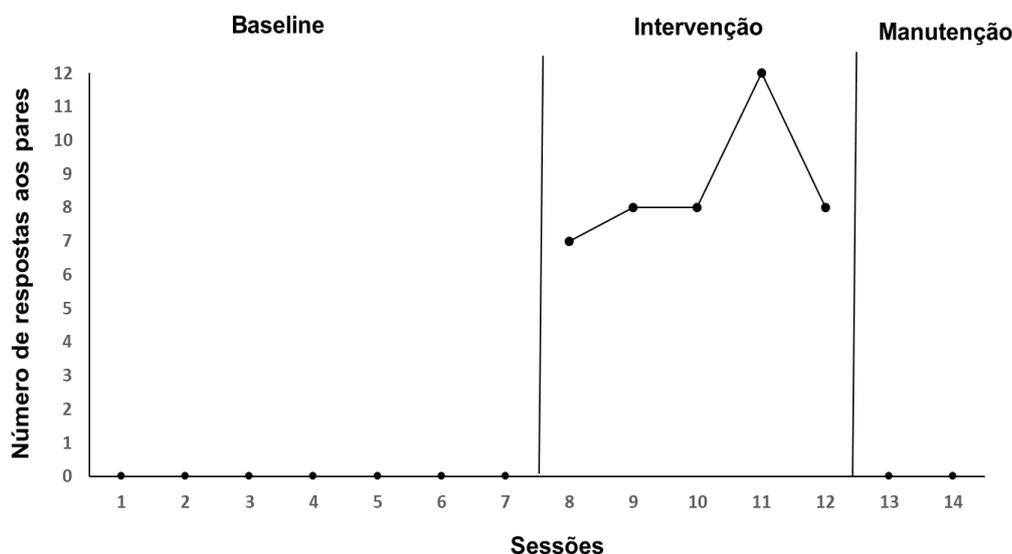
¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

de intervenção, um menino de 4 anos de idade com diagnóstico de autismo e dois pares com desenvolvimento típico assistiram à vídeos com as habilidades a serem desenvolvidas e os pares recebiam instruções de como poderiam ajudar o colega com TEA a interagir. Na sequência eram observados durante a brincadeira. Durante a intervenção, ao final de cada sessão, os alunos recebiam feedbacks e, caso atingissem a meta de interações, recebiam um brinde da caixa de tesouros com brinquedos que poderiam propiciar novas interações entre as crianças. A fase de manutenção começou uma semana após a intervenção e foram replicadas as condições da fase de *baseline*, com o intuito de identificar se o aluno manteve os ganhos obtidos na fase de intervenção. Em todas as fases, as sessões tiveram duração de dez minutos e um pesquisador treinado coletou os dados presencialmente. Os dados foram analisados visualmente, observando a tendência, média e variabilidade dos dados e estatisticamente através do Tau-U *effect size* e nível de significância $p < 0,05$ (PARKER et al., 2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da investigação identificou-se, desde a fase de *baseline* que o menino com autismo demonstrava interesse em interagir com os colegas e o fazia de maneira adequada e dentro do contexto das brincadeiras, no entanto, não havia reciprocidade e não era procurado pelos pares. Desse modo, não haviam oportunidades de resposta e interação com os colegas. No gráfico a seguir encontram-se o número de respostas da criança com TEA em cada fase da pesquisa.

Figura 1 - Número de atos de resposta da criança com TEA aos pares.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar o gráfico percebe-se que na fase de *baseline* o participante apresentou 0 respostas aos pares por sessão com uma tendência linear. Esses dados demonstram que o participante mesmo tentando interações com os pares, não era procurado pelos mesmos. Deste modo, não tinha oportunidades de responder aos pares, indicando que uma intervenção poderia ser benéfica tanto

para o aluno-alvo quanto para os pares, que aprenderiam a iniciar e manter interações com um colega com TEA.

Na fase de intervenção o aluno teve um mínimo de 7, máximo de 12 e uma média de 8,5 atos de resposta aos pares por sessão com uma tendência crescente. Nessa fase o aluno teve um avanço socialmente e estatisticamente significativo nas respostas aos pares desde a primeira sessão e, ao ser procurado, o participante já conseguiu responder olhando quando chamado, pegando e encaixando peças conforme os colegas ofereciam e, inclusive, na última sessão, respondendo verbalmente se queria mais peças para encaixar. Ao longo das sessões de intervenção, tanto o aluno com TEA quanto os pares, demonstraram muito interesse na caixa de tesouros, demonstrando que este foi um reforço importante para estimular o comportamento esperado. Após a fase de intervenção, deu-se início a fase de manutenção, na qual o aluno demonstrou os mesmos níveis de *baseline*. Nessa fase o participante não demonstrou interesse em interagir com os pares e os mesmos também não buscaram o colega para interagir, o que fez com que o aluno não tivesse a oportunidade de responder aos pares e não mantivesse interações significativas observadas na intervenção. Isso indica a necessidade de um tempo maior de intervenção com uma maior frequência para que consigam consolidar esses ganhos.

Ao analisarmos estatisticamente a fase de intervenção em relação a fase de *baseline* obtivemos $Tau-U=1$ indicando que a intervenção teve um muito grande efeito nas respostas do participante e o resultado com significância estatística ao nível de $p= 0.0045$. Já na fase de *baseline* em relação a fase de manutenção o $Tau-U$ foi igual a 0 e o $P-value = 1$, o que significa que a fase de manutenção não teve efeito e nem significância estatística nas respostas do participante aos pares.

4. CONCLUSÕES

A combinação de IMP e Videomodelação tem sido pouco implementada em pesquisas no contexto educacional brasileiro. Por isso, esta investigação analisou o efeito dessas estratégias nas respostas de comunicação/interação social de uma criança com TEA na pré-escola da rede regular de ensino. Os dados indicam que a intervenção apresentou bons resultados no número de resposta do aluno com TEA aos pares, demonstrando que esta é uma estratégia que pode ser mais utilizada no desenvolvimento das habilidades sociais de crianças com TEA. Os resultados da fase de intervenção apresentam significância estatística e são promissores tanto no número respostas, como na qualidade dos mesmos, apresentando um aluno com maior repertório e capacidade de manter uma interação por mais tempo. No entanto, a fase de manutenção demonstrou que os ganhos ainda não estavam consolidados e o retorno aos níveis de *baseline*, sem significância estatística nessa fase, sugere que os alunos se beneficiariam de uma maior exposição à intervenção, tanto no número de sessões como na redução do intervalo entre as mesmas. O estudo também demonstra a importância desse tipo de intervenção não só para alunos com TEA como para os pares que se beneficiam ao aprenderem como interagir com o colega e com as interações como reforço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBARA, L. M.; COLE, C. L.; TELESFORD, A.; BAUER, K.; BILGILI-KARABACAK, I.; WEIR, A. Using Peer Supports to Encourage Adolescents with Autism Spectrum Disorder to Show Interest in Their Conversation Partners. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 64, n 12, 2021.

BASTOS, J. G.; GONÇALVES, P. B.; SOUSA, K. E.; OKADA, A. R. S.; NOGUEIRA, A. O. F.; CASTRO, T. R.; OLIVEIRA, G. A. M.; ROCCA, J. Z.; FREITAS, L. A. B. Modelação em vídeo e intervenção mediada por pares para promover interações sociais de alunos com Transtorno do Espectro Autista. **ACTA Comportamental**, v. 26, n. 2 p. 249-266, 2018.

BRASILEIRO, M.; PEREIRA, J. M. C. Intervenção em grupo para o desenvolvimento de habilidades sociais. In: __. **Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2018. p. 330-355.

CARVALHO, G. B. M.; GEREMIA, I.; OSOWSKI, V. S.; FREITAS, L. A. B.; ROCCA, J, Z. Intervenção Mediada por Pares como Estratégia de Inclusão de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Corixo - Revista de Extensão Universitária**, n. 5, p. 88-99, 2016.

CRESPO, Renata Oliveira. **Comunicação e interação social de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo**: possíveis efeitos de uma intervenção mediada por pares. Orientadora: Sígla Pimentel Höher Camargo. 2020. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

GONZÁLEZ, A. L. How to Implement Video Modeling in Educational Environment to Improve Communication in Students with ASD: An Evidence- Based Review. **International Journal of Speech & Language Pathology and Audiology**, v. 7, p. 1-9, 2019.

LOBATO, A. F. F.; NOGUEIRA, C. B.; SANTOS, E. A. L. Modelação e Videomodelação. In: _____. **Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2018. p. 162-178.

ODOM, S. L. Peer-Based Interventions for Children and Youth With Autism Spectrum Disorder: History and Effects. **School Psychology Review**, v. 48, n. 2, p. 170-176, 2019.

PARKER, R. I.; VANNEST, K. J.; DAVIS, J. L.; SAUBER, S. B. Combining Nonoverlap and Trend for Single-Case Research: Tau-U. **Behavior Therapy**, v. 42, p. 284-299, 2011.